



INCLUSÃO SOCIAL: AS BARREIRAS ENFRENTADAS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO

20/10/2022 Deixar um comentário

Pedro Ramos e Paulo Victor Barcellos

As barreiras enfrentadas por pessoas com deficiência (PCD) para ingressar no mercado de trabalho no Brasil são grandes. Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em um estudo realizado em 2019, apontam que a taxa de participação de PCD no mercado era 28,3%. Um número baixo, pois a Lei da Previdência Social nº 8213 de 1991 exige que empresas com 100 ou mais funcionários devam ter um número mínimo de 2% a 5% de trabalhadores com deficiência.

Vale ressaltar que em 2019, o Brasil tinha 17,2 milhões de pessoas com deficiência, o que representa 8,4% da população. No Espírito Santo, aproximadamente 133 mil pessoas possuem algum tipo de deficiência, dentre elas visual, motora, auditiva ou intelectual. A analista de recursos humanos Paula Renata Maciel, 31 anos, é uma dessas 133 mil pessoas com deficiência. Ela encara a realidade de ser PCD após ser assaltada há 6 anos.

Um tiro no rosto foi definitivo para que surgisse uma nova realidade na vida de Paula. A visão monocular, deficiência que ela passou a ter, não era reconhecida nacionalmente. Apenas em março de 2021 a lei foi sancionada no Brasil e classificada como deficiência sensorial, do tipo visual. Já no Espírito Santo a lei foi sancionada em



Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019

dezembro de 2007.

*Eu uso prótese hoje em dia. Coloquei em julho deste ano. Vou ser bem sincera, pois não coloquei a prótese porque eu quis. Eu coloquei para minimizar os olhares que eu tinha na rua*



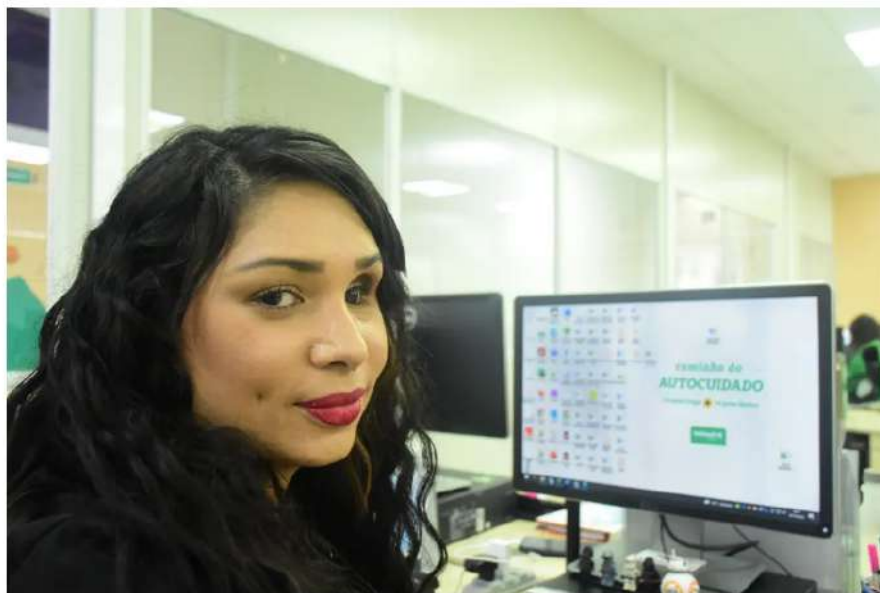
A Analista de RH da Unimed Paula Renata (Foto: Pedro Ramos)

A maneira que ela pensou em se sentir incluída na sociedade, com a nova realidade, era vencer degrau por degrau e um dos primeiros foi o mercado de trabalho. A analista trabalhava em uma empresa que não se adequava às condições dela e, assim, começou a buscar novos horizontes. Entre idas e vindas de entrevistas de emprego, foi recrutada pela cooperativa Unimed Vitória depois de um convite da empresa.

**Eu não sabia que existia esse tipo de deficiência. Na época em que perdi a olho comecei a procurar mais informações sobre o assunto e entender sobre o novo eu**

– Paula Renata





Paula Renata Maciel 'Já recebi propostas de emprego em empresas que não estavam adaptadas para as minhas condições. Eu teria um trabalho e um salário, mas não me sentiria bem. Hoje, estou muito feliz' (Foto: Pedro Ramos)

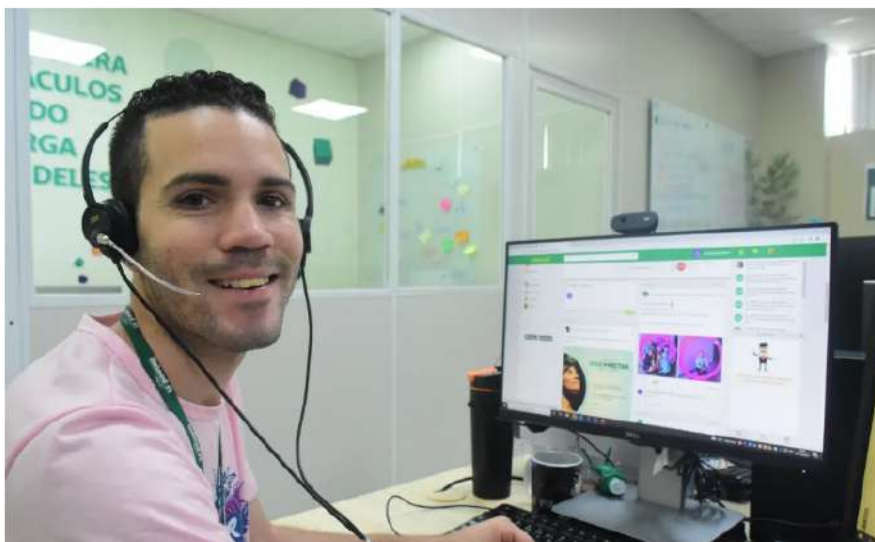
A valorização no trabalho é o que emociona Paula. Para ela, a existência da representatividade, inclusão dentro da empresa, andar pelos corredores e reconhecer o próximo como um dos seus resulta em um espelho para motivação diária. **"Entre aqui como assistente administrativo. Com 6 meses fui promovida para assistente de RH e, hoje, sou analista de recursos humanos. Aqui, eu percebo que meu trabalho é valorizado independente de ser deficiente ou não"**, desabafa a analista.

Já a batalha do assistente de gestão da qualidade e processos **Kim Viana, 29**, foi um pouco diferente. Nascer prematura, com os tímpanos perfurados e otite crônica, não fez com que ele não enxergasse um futuro promissor. Antes, **por não ter conhecimento dos seus direitos, ele era encaixado em vagas de emprego** como qualquer outra pessoa, mesmo com as limitações.

Hoje, estou na cooperativa Unimed, encaixado em uma vaga como PCD e vejo que isso é levado em conta. Me sinto valorizado como pessoa e vejo que a empresa está sempre buscando instrumentos para melhorar o nosso trabalho.

– Kim Viana

Observava conversas sobre a minha audição. As pessoas falando muito baixo para eu não escutar e muita “zoação” com as minhas condições. Sempre tentei relevar e “engolia calado” por conta do emprego.

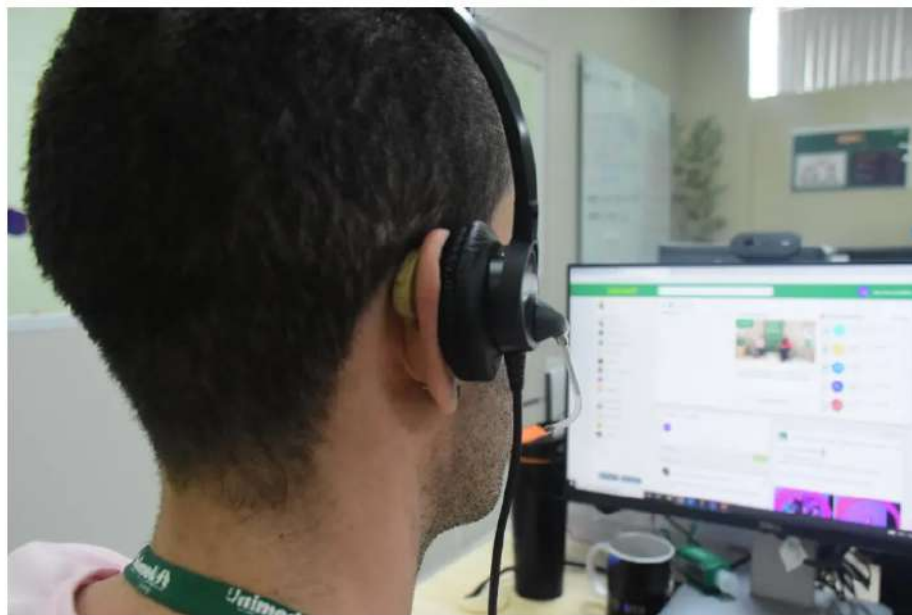




Kim Viana: "Que a gente ultrapasse as barreiras. Somos mais que isso e podemos ir mais além. Me dê os instrumentos que vamos desenvolver (Foto: Pedro Ramos)

Nem sempre a tranquilidade estava presente no cotidiano de Kim. Não ser inserido de maneira correta e com condições adequadas para o trabalho, fez com que ele fosse alvo de discriminação e preconceito nos antigos empregos. Atualmente, Kim trabalha na cooperativa Unimed Vitória.

Um dos **principais instrumentos de trabalho dele é o telefone**, com isso, o setor que ele trabalha se mobilizou junto com a empresa para buscar condições em que ele pudesse trabalhar da mesma maneira que todos. Assim surgiu um fone adaptado para atender as ligações. **"As empresas precisam entender que ações como essa são importantes para a gente. Não é contratar por contratar. Precisamos de um ambiente digno para que a gente desenvolva nosso trabalho. Aqui, onde trabalho, sinto que consigo ser eu e desenvolver meus projetos da mesma maneira que todos"**, justificou.



O fone adaptando para o desenvolvimento do trabalho faz com que Kim evolua nos projetos da mesma maneira que todos da equipe (Foto: Pedro Ramos)

**A coordenadora do recurso humano da cooperativa Unimed Vitória, Adriana Verli, explica que atualmente na empresa existem 128 profissionais com deficiência. Esse número ultrapassa a porcentagem estimada como cota. "Aqui, na cooperativa, qualquer pessoa pode se candidatar a uma vaga de emprego. Quando se trata de uma vaga para PCD, nós procuramos divulgar mais para trazer mais esses profissionais para o mercado de trabalho", afirma Adriana.**

Ela reforça que, apesar de existir a lei e obrigatoriedade social e legal de ter vagas preenchidas por pessoas com deficiência, **o foco da empresa é que as pessoas se sintam acolhidas profissionalmente e que não estão no ambiente somente pela cota.** Existe uma política de inclusão. Todos os funcionários participaram do processo seletivo normalmente e foram selecionados pela capacidade de exercer a função e não somente pela cota.



Adriana Verli, Kim Viana e Paula Renata. (Foto: Pedro Ramos)

Dentro da empresa existe o programa “**Para Todos**”. O intuito é dar visibilidade e trazer treinamento para pessoas com e sem deficiência. Durante a semana são feitos **treinamentos relacionados à diversidade, como, por exemplo, aulas de libras**. Para a Cooperativa, entender o papel social da inclusão em todos os sentidos da diversidade é benéfico para o desenvolvimento da empresa. “**Tudo que é diverso faz com que a gente pense diferente**”, finaliza a coordenadora.

[Ouça a fala de Kim e Paula](#)

## Esperança no Futuro

Cargos baixos ocupados por pessoas com deficiência é o que preocupa Kim e Paula. De acordo com eles, ainda existe o paradigma na sociedade de que deficiente não produz, mas, na verdade, não é falta de produção. Para os dois, as condições e oportunidades que são oferecidas não são as mesmas.



Onde podemos chegar? Será que esse é o nosso limite? Será que as pessoas com deficiência que não encontram oportunidades vão continuar com os subempregos por conta da cota? É preciso desenvolver um funcionário para que ele possa crescer, se espelhar e motivar a crescer. Se não tem identificação, não tem parâmetro para crescimento

– Kim Viana e Paula Renata

Para um futuro melhor, Kim relata que **é necessário mais investimento na saúde pública, mais visibilidade e conhecimento da pauta social**. Cada vez mais é necessário abraçar a causa e que, de acordo com cada necessidade, o ser humano possa ter condições de igualdade.

Edição: Sofia Galois

Imagem do Destaque: Pedro Ramos e Paulo Victor Barcellos

Compartilhe isso:



Seja o primeiro a curtir este post.